

Trabalho apresentado no V Congresso Internacional sobre as Festas do Divino Espírito Santo

Terceira/Açores

31 de maio a 3 de junho 2012

FOLIÕES DA DIVINDADE: a quebra da tradição maranhense

José de Ribamar Mendes Bezerra – UFMA/ALiMA

Conceição de Maria de Araujo Ramos – UFMA/ALiMA

A pesquisa do “popular” é aquela que revela a contemporaneidade no milênio, o presente da antiguidade, as formas pretéritas vivas na diuturnidade do exemplo.

Luís da Câmara Cascudo

No Brasil, a vitalidade da festa do Divino Espírito Santo, um ritual do Catolicismo popular, justifica a epígrafe de Câmara Cascudo com que abrimos este texto. A festa, com suas origens vinculadas, segundo estudiosos do tema (cf. LIMA, 2002 e VEIGA, 2005, dentre outros), à Idade Média (século XIII) e a seu universo de crenças religiosas, valores e costumes, e para cá trazida pelos portugueses, reinventa-se, adapta-se à diversidade das realidades brasileiras, abrindo assim espaço para a antiguidade no presente.

Em um processo dialético – conservação, preservação / mudança, inovação – a festa, no âmbito de um mesmo estado brasileiro, difere em seus rituais, ora aproximando-se mais da tradição luso-açoriana, ora desta afastando-se, para reinventá-la. Neste último caso se inserem, principalmente, as festas do Divino celebradas em São Luís, capital do estado do Maranhão¹, que se particularizam, por exemplo: (i) pela presença marcante

¹ Em Alcântara, observamos as mesmas características encontradas nas festas de São Luís e aqui citadas, com exceção de uma – a inclusão da festa do Divino no calendário litúrgico das casas de culto afro-maranhense. Alcântara é um município maranhense que se situa próximo à capital, mas no continente, isto é, fora da Ilha de São Luís. Nesse município, a festa do Divino tem muita vitalidade e goza de muito prestígio. Neste ano de 2012, a Festa do Império do Divino Espírito Santo, encerrada no domingo de Pentecostes (27 de maio), tem uma Imperatriz como figura central, posto ocupado pela jovem festeira Domingas Ribeiro.

de mulheres – quer seja na função de caixeiras, quer seja como representantes do poder da Divindade, na função de Imperatriz, sem depender, para tanto, da condição de esposa do Imperador; (ii) com a expansão da festa para os terreiros, lugares sagrados destinados aos cultos afro-maranhenses; e (iii) com a realização conjunta com outras manifestações culturais locais de cunho não religioso, como o tambor de crioula, o bumba-meu-boi, o *reggae* (cf. RAMOS; BEZERRA, 2008). Essa presença feminina em funções relevantes é um traço característico e imprescindível da festa do Divino Espírito Santo no Maranhão.

É ainda no Maranhão, em Matões, município que se situa na mesorregião Leste Maranhense e que dista 447 km da capital, que observamos a ausência desse traço particular da festa maranhense, em São Luís. Em Matões, retomando as palavras de Câmara Cascudo, o evento manifesta formas pretéritas vivas na diuturnidade da comunidade e as reflete nas adaptações sofridas pela estrutura geral da festa que, partindo da sede do município, estende os domínios do sagrado à zona rural, agrícola. No município, mantêm-se vivos vários dos elementos rituais da festa portuguesa, destacando-se entre eles: o caráter/motivação da festa – o agradecimento pelas graças recebidas e o pagamento de promessas; a folia – grupo precatório constituído por homens que cantam, tocam e pedem doações de toda espécie (dinheiro, joias, alimentos, gado) para o festejo do Divino; a figura do Imperador; a refeição comunitária, na rancharia – lugar de pouso do Divino –, e ainda uma das formas consagradas de representação da Divindade – a pomba sagrada.

A motivação para organizar e coordenar a Folia do Divino reside na devoção à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, assim definido pelo Imperador do Divino de Matões, José Ferro de Oliveira, mais conhecido como Sr. Edson: “O Divino, pra mim, é a luz do mundo, é a luz do dia, é a luz do sol, é a luz da vida. E sempre Ele introduz uma luz, viu! Deixei tudo pra trás pra acompanhá Ele.”². As pessoas seguem o Divino ou por promessa, no caso de alcançarem uma graça solicitada, ou por tradição (herança individual ou da comunidade), como evidencia o Sr. Edson:

Esta festa veio na tradição da cidade. Em 1700, existiu um papa espanhol por nome João Pio I [que] deslocou todas as santidades para cada cidade. Levou Nossa Senhora Aparecida para o estado de São Paulo; São Benedito para a cidade de Caxias, e trouxe o Divino Espírito Santo para a cidade de Matões. Em 1830, teve um padre por nome Joaquim [que] celebrou o primeiro Festejo do Divino. Aí escreveu: “o Festejo do Divino Espírito Santo acima de

² Ao transcrevermos a fala dos foliões, optamos por conservar os traços característicos de seu vernáculo, isto é, de sua fala espontânea. Muitos desses traços são reveladores do contexto sócio-linguístico-histórico-econômico em que se insere a comunidade matoense.

Caxias 20 léguas”. Aí fechô o livro. E de lá pra cá nós vem com a tradição. Entra um, morre; entra outro, outro, e hoje, no tempo atual, é eu. Tô com 9 anos que saí de casa e não sei quando é que volto em casa pra armá a rede. Só quando o Divino ordená.

Vale destacar que o período da jornada da Folia é longo: inicia dia 23 de janeiro, três dias após o dia de São Sebastião, estendendo-se até o último domingo de agosto, com um pequeno intervalo. Esse infundável ir-e-vir dos foliões é assim descrito pelo Imperador: “Aí eu saio 23 de janeiro, trabalho até agosto. Saio no dia 5 de setembro, chego no dia 18 de janeiro, assisto a missa [de São Sebastião] e saio no dia 23 [de janeiro]”. Em agosto, mês da festa do Divino, a Folia retorna para a sede do município e, todos os dias, após percorrer a cidade e visitar diversas localidades, dirige-se à igreja do Divino, às 17 horas, para participar da missa.

Nessas visitas, que se estendem dos cemitérios às repartições públicas, há sempre cantoria que varia, segundo o Imperador, Sr. Edson:

Conforme a repartição. Nós tamo na delegacia, nós vamo vê se Deus ilumina aqueles tão por trás das grade; se nos tamo numa farmácia, nós vamo pedí uma boa inteligência pro laboratório, um atendimento melhó; se nós tamo no mercado público, nós vamo pedí que Deus aumente o pão de cada dia, que tem muito inocente precisando daqueles pão que tá faltando pra vivê e assim nós vai.

A folia, isto é, o grupo de foliões da Divindade é formado unicamente por homens³. São oito ao todo, além do Imperador. Esse grupo precatório está organizado em pares que se revezam em suas funções. Para os instrumentos – uma caixa e um violino – há dois foliões que se alternam no violino e outros dois que se alternam no toque da caixa. Para o canto, há dois foliões chamados *foliões de primeira* e outros dois chamados *foliões de segunda*. O *folião de primeira* é aquele que improvisa os primeiros versos para que o *folião de segunda* dê sequência ao canto, ou melhor, à cantoria como eles o denominam. Na verdade, os foliões, cantadores-criadores, são verdadeiros repentistas, ou seja, improvisadores, criadores de versos dentro de uma melodia. Esses versos são criados de acordo com a necessidade ou com o que lhes é proposto em função da atividade desenvolvida ao longo da *peregrinação*. Cantando, ora pedem, ora agradecem, ora aclamam. Por tradição, todos os sábados, durante a *peregrinação*, eles cantam a Alvorada, às cinco horas da manhã; outro momento

³ Segundo o Imperador, na constituição do grupo de foliões, não pode haver mistura de pessoas de sexo diferente: ou todos são homens ou todos são mulheres. Entretanto, quando lhe perguntamos se ao longo de seus 39 anos de folia já havia visto ou formado um grupo com mulheres, respondeu-nos que não, justificando que é muito difícil encontrar mulheres para formar um grupo de folia.

importante é a cantoria da noite, realizada após a reza do terço, pelas mulheres da localidade, no terreiro da rancharia. Os foliões cantam louvações ao Divino e lhe pedem graças para os moradores da localidade e pagadores de promessas, iniciando com Benditos, como o que transcrevemos um trecho, a seguir:

Ó Divino Espírito Santo

Ó Divino Espírito Santo

Te adorá nessa sessão

Seu altá, seu cerco de devoto

Todos vêm, todos vêm te louvá



Grupo de foliões, ao sair da rancharia. (Foto J. Mendes)

Os cantos da Folia podem ser tanto aqueles criados/improvisados pelos foliões como aqueles tradicionais, memorizados que foram passando de geração em geração. Os cantos são apropriados para cada momento da *peregrinação*. Desse modo, há cantos para saudar o Divino, despertar os devotos, saudar o cruzeiro, pedir por aqueles que já morreram, abrir e fechar a rancharia.

A vestimenta do grupo é simples; quando muito, usam uma camisa vermelha que traz estampada o símbolo do Divino e o nome do grupo. São quase sempre lavradores, que pouco tempo têm para trabalhar pelo ofício, pois têm de empreender uma grande tarefa – peregrinar, como parte de sua prática devocional, mesmo em situações frequentemente adversas, dada a situação de pobreza em que vivem. Normalmente se deslocam a pé e sobrevivem daquilo que arrecadam. Em uma cantoria no cemitério, como a que transcrevemos a seguir, que acontece comumente aos domingos, recebem da família do falecido R\$ 2,00 por cada cova em que cantam.

(Folião de primeira)

Vamo cantá pra Osmarina
Vamo cantá pra Osmarina
Rezando os Padinosso
Rezando os Padinosso

(Folião de segunda)

Êh Osmarina te ajoelha
Êh Osmarina te ajoelha
Em cima da terra fria
Os que tiver dormindo acorda
Os que tiver dormindo acorda
Ouve o cantô de Maria
Ouve o cantô de Maria

(Folião de primeira)

Ôh recebe essa cantoria
Ôh recebe essa cantoria
Teu filho que está mandando
Osmarina tu te alivia
Osmarina tu te alivia
Da triste separação
Da triste separação

(Folião de segunda)

E recrama dos desengano
E recrama dos desengano
Osmarina não se acordou
Quando acordou tava no céu
Quando acordou tava no céu
Jesus Cristo lhe chamou
Jesus Cristo lhe chamou

(Folião de primeira)

E pela oferta conseguida
E pela oferta conseguida
Se beija a vela e a luz
Osmarina te entrega a Deus
Osmarina te entrega a Deus
Pelo Espírito de Jesus
Pelo Espírito de Jesus

Durante as sessões de cantoria, os foliões usam um objeto em que se apoiam, para diminuir a sobrecarga imposta à coluna em função das muitas horas que passam em pé. A esse apoio para o braço chamam de *bengala*. A *bengala*, em forma de uma forquilha, mede, aproximadamente, 1,30 m de altura e é feita de uma árvore, comum na região, denominada *piquiá*.



Cantoria no cemitério (Foto J. Mendes)

O Imperador, considerado como *uma dádiva da Igreja*, segundo o Sr. Edson, é o coordenador da Folia; é aquele que guarda os conhecimentos relativos ao culto ao Divino, que forma o grupo, e que repassa os ensinamentos necessários ao bom desempenho das funções de cada um; além, evidentemente, de zelar pelo equilíbrio físico e moral do grupo⁴, prover as necessidades materiais dos foliões e organizar as atividades. É, na verdade, o líder espiritual do grupo. Ser Imperador, ainda de acordo com o Sr. Edson, “é uma questão de sorte que envolve muito trabalho e dedicação”. É preciso começar como folião desde jovem e apresentar comportamento condizente com a função a que aspira desempenhar quando for mais idoso; provavelmente, após completar cinquenta anos⁵, quando então, creem os foliões, terá maturidade suficiente para ocupar um cargo que é vitalício.

⁴ Os foliões não podem, por exemplo, consumir bebida alcoólica, em hipótese alguma, ou fumar na rancharia.

⁵ O atual Imperador do Divino de Matões iniciou suas atividades como folião aos dezesseis anos e assumiu o cargo de Imperador aos cinquenta e dois anos.



O Imperador do Divino de Matões (Foto J. Mendes)

A refeição comunitária, na rancharia, é oferecida pelo dono da casa (rancho)⁶ que recebe o Divino e seus foliões. Normalmente, o oferecimento do rancho e, conseqüentemente, da refeição é resultado de uma promessa feita ao Divino em função de uma graça alcançada. Na maioria das vezes, a família que recebe a Folia torna-se sua anfitriã permanente. As refeições – o café, o almoço e o jantar – são modestas, porém fartas e variadas. Como primeira refeição, costumam servir beiju, bolo de macaxeira e de puba preparado com leite de coco babaçu, cuscuz e um café quentinho e cheiroso; no almoço e no jantar, não faltam o tradicional arroz vermelho da região, a galinha caipira cozida, o assado de porco, o guisadinho de abóbora, o feijão, a salada de legumes e a farinha d'água.



Refeição comunitária na rancharia (Foto J. Mendes)

Para preparar as refeições, em que não há qualquer bebida alcoólica, e que são oferecidas aos foliões e aos visitantes – vizinhos e amigos que vêm receber as bênçãos

⁶ Segundo Cascudo (2000, p 569-570), no Nordeste, rancho, além de ser sinônimo de casinha rústica, significa também hospedagem, pousada. Daí, então, o uso da palavra *rancharia*, para designar o lugar de pouso do Divino e de sua Folia.

do Divino – é necessário um verdadeiro batalhão de cozinheiras com seus auxiliares que são motivados pelo prazer e privilégio de servir ao Divino.



Preparação do almoço comunitário (Foto J. Mendes)

Como último elemento ritual da festa, aqui mencionado, temos a pomba, símbolo sagrado da Divindade, que, em consonância com a realidade socioeconômica da comunidade, é transportada, durante a peregrinação, em um singelo oratório de madeira. Durante o pouso na rancharia, esse símbolo de amor e fraternidade é mantido em uma pequena bandeja de aço inoxidável coberta com uma toalha de croché, que faz as vezes da salva de prata. É nessa bandeja que os fiéis depositam sua doação e é ela que é posta sobre suas cabeças, após o beijo respeitoso na Divindade, materializada na pombinha, para que os abençoe, ajudando-os a vencer os desafios que a dura vida lhes impõe a cada dia.



A representação da Divindade (Foto J. Mendes)

Assim em um movimento de conservação e de recriação, sobre a base antiga, talvez a marca mais forte da festa do Divino, em qualquer lugar em que se realize, seja a capacidade de congregação, doação e partilha, em síntese: de fraternidade. Por meio dela, por meio da Folia, nesse constante movimento de doação, os devotos constroem

e reconstroem o elo do humano com o divino, dos vivos com os mortos (a visita aos cemitérios e a cantoria nas covas, por exemplo, assim o comprovam) do presente com o passado.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. *Civilização e cultura: pesquisas e notas de etnografia geral*. São Paulo: Global, 2004.

_____. *Dicionário do folclore brasileiro*. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.

LIMA, Carlos de. O Divino Espírito Santo. *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, São Luís, n. 22, p. 10-13, jun. 2002.

OLIVEIRA, José Ferro de. *Entrevista concedida a Conceição de Maria de Araujo Ramos e José de Ribamar Mendes Bezerra pelo Imperador do Divino de Matões, Pedreiras*. Matões, 05 maio. 2010.

RAMOS, Conceição de Maria de Araujo; BEZERRA, José de Ribamar Mendes. *Dos Açores a São Luís e Alcântara: a língua(gem) do Divino*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE AS FESTAS DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, 3., 2008. Angra do Heroísmo, 2008.

VEIGA, Felipe Berocan. A folia continua: vida, morte e revelação na festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO, Luciana. (Org.). *Divino toque do Maranhão*. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, p. 83-94.